

memória CULT

Ouro Preto - MG - Brasil - Ano VI - nº16 - fevereiro de 2016



Registros da Pré-História no Sul de Minas

por Marcos Paulo de Souza Miranda



Medievalidade Mineira no Século XVIII

por Bruno Terra Dias



Entrevista:
José Maria Rabelo

Nas Minas profundas

Este número da Revista Memória CULT faz uma imersão na história de Minas Gerais, indo desde a pré-história até os dias de hoje, ressaltando momentos marcantes vividos por nosso Estado. Tudo isso registramos na entrevista com o pai do jornalismo alternativo do Brasil, o escritor José Maria Rabêlo, e a pesquisa do historiador Marcos Paulo de Sousa Miranda, acerca dos tempos remotos passados na Minas Gerais primeira, bem antes dos bandeirantes.

Neste mesmo sentindo, nos deparamos com a história judaica dos primeiros anos da capital mineira, quando uma comunidade começou a escrever sua trajetória na cidade até então projetada e pouco habitada, como bem revela a historiadora Júlia Calvo. De Grão Mogol vem os relatos de sua fundação, bem antes do bandeirantismo palmilhar cada canto dessas Minas que são muitas, como bem descreve o professor e acadêmico Manoel Hygino. Para além e dentro dos Gerais, Bruno Terra Dias nos traz no embasado texto a Medievalidade Mineira no século XVIII, com uma argumentação aprofundada.

Abrindo essas páginas, o trabalho original e inovador do artista plástico e designer Fabrício Carvalho, repleto de curvas e formas. Para finalizar a viagem por essa Minas densa e profunda, encontramos o inspirado e delicado texto de Ivanise Junqueira, com sua poesia tão mineira guiando nossos olhos pelas ladeiras de Ouro Preto ao encontro de padre Simões e Dom Barroso, que representam, de uma certa forma, tudo que encontramos na edição desta revista.

Com votos de uma boa leitura a todos.



Eugênio Ferraz

Diretor Executivo e Editor Geral da Memória CULT

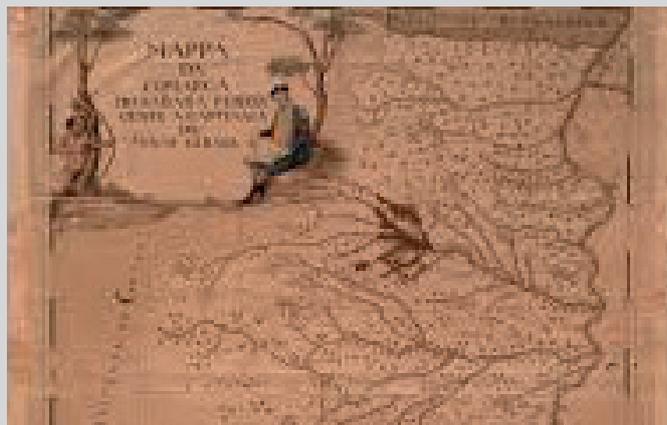
Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do IHGMG. Servidor do Ministério da Fazenda desde 1974, foi o Superintendente em MG de 1998 a 2011.

É o Diretor-Geral da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais





9 **Registros da Pré-História no Sul de Minas**
por Marcos Paulo de Souza Miranda



21 **Medievalidade Mineira no Século XVIII**
por Bruno Terra Dias

04 **Página do Artista**

12 **Memória da comunidade judaica
de Belo Horizonte**
por Julia Calvo

05 **Entrevista:** José Maria Rabelo
por Petrônio Souza Gonçalves

16 **A história de Minas via Grão Mogol**
por Manoel Hygino dos Santos

27 **Guardiões de Ouro Preto**
por Ivanise Junqueira



Espaço do leitor

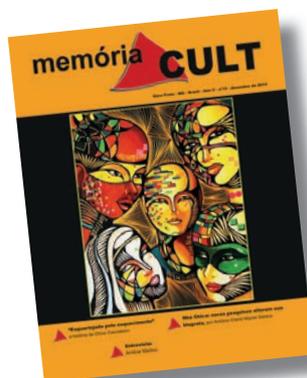
Agradecemos o envio de críticas, sugestões e comentários para o aprimoramento desta revista: **memoriacult@gmail.com**. A Memória CULT poderá editar manifestações de leitores selecionadas para publicação, não necessariamente na edição subsequente.

Com meus cordiais cumprimentos, acuso o recebimento de exemplares da revista Memória CULT, números 12 e 13, com várias matérias de relevante interesse cultural e histórico. Fico grato pela remessa, levando ao prezado amigo minhas congratulações por mais esta obra de importância cultural.

Bonifácio de Andrade – Deputado Federal

Não poderia ser melhor! É o conceito que faço sobre a “Revista Memória CULT”, das mais necessárias, oportunas e convenientes editoriais de que carece este país. Em meio a tanta insensatez promovida pela ignorância e absoluto desconhecimento humanista, surge a “CULT”, tal qual uma estrela, conduzindo-nos aos legítimos patamares que norteiam o bem estar, a vida, a consciência, a dignidade, enfim, o amor à pátria, tão relegado ao descaso e à ignomínia. É o resgate, a preservação e divulgação da nossa História e seus vultos, com ênfase à mineiridade.[...]

José Carlos Buzelin - Crítico Musical



ÚLTIMA EDIÇÃO

O número 15, da Memória CULT, entre outros assuntos, trouxe artigos sobre Chico Cascateiro e Nhá Chica dois ilustres personagens do Sul de Minas.

ERRATA

Caríssimos leitores:

Na última edição da Memória CULT, no Editorial, erramos ao mencionar o envio do material sobre o Chico Cascateiro, que foi feito pelo empresário BRUNO DIAS e não pelo, também parceiro da revista, BRUNO TERRA DIAS.

Erramos também ao mencionar o artigo sobre Judaísmo em Belo Horizonte que, na última hora, foi transferido para a pauta deste número 16 da Memória CULT.

EXPEDIENTE **memória** CULT

Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil - ano VI - nº16 - fevereiro de 2016

Diretor Executivo e Editor Geral | Eugênio Ferraz - Reg.: 8.172-MG

Editor | Petrônio Souza - Reg.: 7.124-MG

Projeto Gráfico | Raphael Simões

Revisão Ortográfica | Acácio Cândido da Silveira Santos

Foto do quadro da capa | acervo

As manifestações expressas em artigos são de inteira responsabilidade dos respectivos autores e não refletem, necessariamente, a opinião da publicação.



Artista da capa

FABRÍCIO CARVALHO

ARTISTA OU DESIGNER?

Embora às suas criações sejam atribuídas às mais diversas funcionalidades, Fabrício Carvalho é enfático ao se definir como um artista. Afinal, foi a arte que o arrebatou e despertou seu talento para as atividades manuais. Ainda criança, pôde acompanhar as atividades do escultor George Hardy que, muitas vezes, executava seus trabalhos na oficina da família de Fabrício. Posteriormente, ele visitou uma exposição do artista Carlos de Matto e ficou encantado pelas obras que misturavam aço oxidados com pinturas.

Naquele momento, Fabrício deu início a um trabalho com oxidação, criando painéis de fotos. O apuro técnico e os conhecimentos específicos da área foram sendo adquiridos com horas de dedicação ao trabalho e com os estudos. O artista estudou História da Arte Mundial e História da Arte no Brasil, na Maison, com Yara Tupy-



namba, e fez extensão em desenho, na Escola Guignard e Design de Interiores no INAP.

Atualmente, Fabrício trabalha técnicas e ferramentas medievais, como forja, bigorna e marreta, aliando à mais alta tecnologia, como corte plasma, soldas TIG, MIG/MAG, ponto. Desta forma, consegue extrair o melhor das propriedades de suas matérias primas: da oxidação do aço patinável ao brilho do aço inox.

O resultado, são peças únicas, com uma linguagem diferenciada, que brinca com as formas, sem abrir mão da função. Um jogo entre a serralheira tradicional e a arte, que resulta em peças que compõem ambientes com charme, leveza e personalidade. Este equilíbrio também faz parte do processo criativo do artista que, em uma parte do seu trabalho se dedica a fazer peças sob encomenda e em outra parte, cria com liberdade total.

Fotografias: acervo do artista



www.fabriciocarvalho.com



www.fabriciocarvalho.com

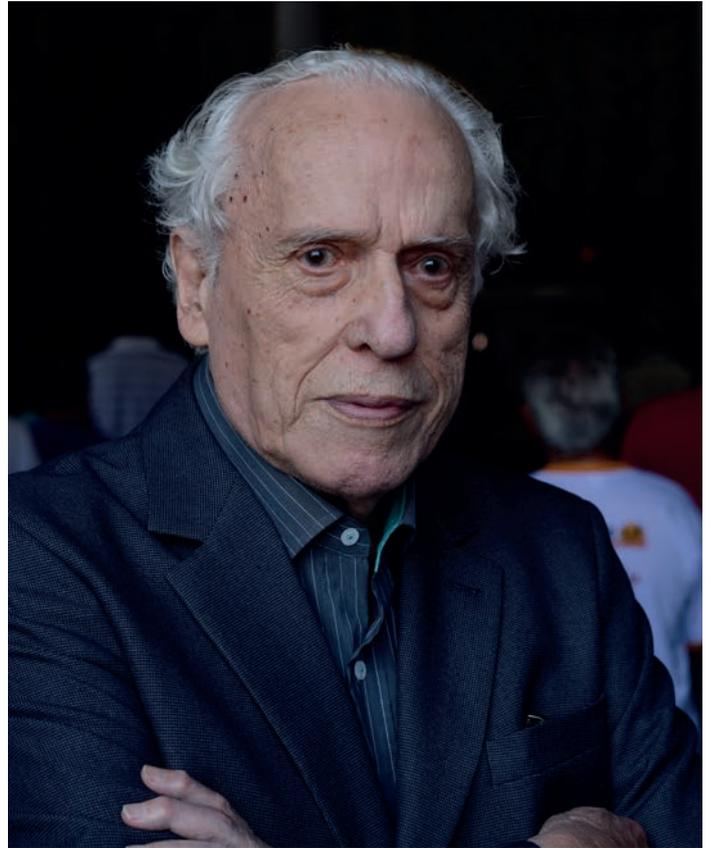




O jornal que virou Minas de cabeça para baixo

Entrevista com **José Maria Rabêlo**, fundador do *Binômio*, um dos precursores da moderna imprensa alternativa brasileira.

Petrônio Souza Gonçalves*



A quem não conheceu o *Binômio*, pode parecer que esta matéria é uma obra de ficção. Como foi possível fazer um jornal independente, de grande tiragem, contando quase apenas com a criatividade e a coragem de dois jovens jornalistas?

Pois isso aconteceu em Belo Horizonte, entre os anos de 1952 e 1964. O jornal chegou a ter a maior circulação em Minas, sendo respeitado (e temido) pelos que se consideravam donos do Estado.

A história do *Binômio* é contada nesta entrevista por um de seus fundadores, hoje com 88 anos, o jornalista José Maria Rabêlo, nome destacado na vida jornalística brasileira, vice-presidente da Casa dos Jornalistas de Minas, com larga experiência profissional no Brasil e no exterior. Perseguido pela Ditadura, passou quase 16 anos no exílio, na Bolívia, no Chile e na França, acompanhado de sua mulher Thereza e seus sete filhos, todos eles menores quando saíram do País.

José Maria, são décadas de história e vida dedicadas ao jornalismo, dentro e fora do Brasil. Daria para o senhor traçar um paralelo entre o jornalismo brasileiro praticado em sua época e o exercido no Brasil e no mundo nos dias de hoje?

RABÊLO – Antes, no Brasil, o universo jornalístico era muito mais diversificado. Nos quinze anos anteriores ao golpe militar, que constituíram um período de intensa atividade política, havia algumas dezenas de jornais, nacionais e regionais, de grande influência, além de considerável número de emissoras de rádio, algumas delas também muito influentes. A televisão, já em fase de consolidação, estava a anos-luz do que é atualmente.

A mídia brasileira nos dias de hoje foi transformada, com limitadíssimas exceções, num oligopólio a serviço da Direita e dos interesses e instituições que ela representa. Não existe nos países mais importantes nada de parecido com o que acontece no Brasil, por exemplo, na televisão, em que cinco ou seis grupos controlam a totalidade da programação nacional. Até os EUA, com todo seu liberalismo, regulam a imprensa, a fim de evitar a concentração e o excessivo poder das empresas.

Felizmente, por um milagre da tecnologia, surgiu a Internet, que está quebrando os dentes e as engrenagens desse oligopólio odioso, dando às pessoas o direito de saberem o que de fato acontece aqui e lá fora.



O Binômio foi pioneiro. De onde surgiu a ideia inicial do jornal e como se deu sua consolidação ao longo dos anos? E por que o título Binômio?

RABÊLO - O *Binômio* faz parte da tríade fundadora da moderna imprensa alternativa brasileira. Primeiro foi *A Manha*, do inolvidável Barão de Itararé (Aparício Torelli), nos fins dos 40 e na década de 50. Em seguida, o *Binômio*, na década de 50 e começos da de 60, e pouco mais tarde, o *Pasquim*, de 1969 a fins dos anos 80.

Quando criamos o *Binômio*, a imprensa mineira era inteiramente submissa ao Palácio da Liberdade. O *Binômio* surgiu rompendo com aquele cenário vergonhoso, fazendo-o de forma humorística, muito engraçada e, diga-se de passagem, muito eficiente. Não tínhamos nenhuma ambição maior, senão a de dizer, brincando, o que os outros não diziam. Ninguém poderia imaginar aonde o jornal chegaria, nem seus fundadores, eu com 23 anos e o Euro Arantes, com 24, dois jovens jornalistas com muitas ideias na cabeça e praticamente nenhum dinheiro no bolso.

Começamos escolhendo um nome que por si só traduzisse a linha oposicionista e humorística que pretendíamos adotar, como explico no livro *Binômio – O Jornal que virou Minas de Cabeça para Baixo* (1ª edição, 1997; 2ª edição, 2004). “Juscelino tinha lançado seu programa de governo”, diz o livro, “baseado no que chamou de Binômio – Energia e Transporte, que acabaria sendo apenas Binômio e como ficou conhecido em todo o Estado, devido a uma propaganda milionária como nunca se vira em Minas. Então nós pensamos: contra esse Binômio da propaganda e da mentira, Energia e Transporte, vamos criar o Binômio da verdade, Sombra e Água Fresca. Assim nasceu o nosso *Binômio*”.

Não podíamos vislumbrar a aventura que estava se iniciando naquele domingo, 17 de fevereiro de 1952, quando o *Binômio* circulou pela primeira vez. Com a pequena colaboração financeira de um grupo de amigos, em quatro páginas tabloide e papel de péssima qualidade, rodado em uma velha impressora que tirava pouco mais de mil exemplares por hora, era o ponto de partida de uma trajetória que iria realmente virar Minas de cabeça para baixo. O *Binômio* cresceu e consolidou-se, tornando-se a maior tiragem da imprensa mineira, porque era a antítese do jornalismo praticado no Estado, com todos os seus vícios e mazelas.

Quais foram as principais fases do jornal e as matérias que mais se destacaram?

RABÊLO – Tivemos três fases, cada qual com matérias que iriam se destacar intensamente. Na primeira, a humorística, aquela manchete que escandalizou a puritana sociedade mineira de então: JUSCELINO FOI A ARAXÁ E LEVOU ROLLA. A notícia não tinha nada de escandaloso, como esclarecíamos nas páginas internas: o governador de Minas foi a Araxá e **levou**em sua companhia o empresário Joaquim Rolla, que era o concessionário do então cassino de Araxá. Mesmo assim, a reação foi fortíssima, não faltando os que pediam o fechamento do jornal, dizendo que envolvíamos o governador numa situação desmoralizante.

Para defender-se, o *Binômio* anunciou uma **Edição Imprópria**, que só os adultos deveriam ler e explicou o que era: apenas a transcrição de textos publicados pelos jornais que nos criticavam. Isolados, aqueles textos não chamavam a atenção, mas reunidos em uma só edição, com suas piadas grosseiras, casos escatológicos, ilustrações de péssimo gosto, eram um compêndio de baixarias difícil de acreditar que tivessem sido publicados por aqueles jornais moralistas.

Recordo-me de uma historieta, Dona Heroína e o Pinto, que dá uma ideia daquelas matérias: “Despacho na Secretaria de Educação sobre uma professora, Heroína Freitas, que pediu a juntada do sobrenome Pinto. Não consta que Dona Heroína tenha Pinto. Se o tem não o usou até agora. À consideração superior. Defiro a Dona Heroína o uso do Pinto, desde que prove sua existência”. (*Minas Gerais*, Órgão Oficial dos Poderes do Estado, transcrito por vários outros jornais).

Havia ainda diferentes matérias bem sugestivas, como a de Carmem, uma menina de apenas 14 anos, que, “embora apaixonada pelas mãos do filho da vizinha, caiu de amores por Carlito”. Como explicava em detalhes o *Diário de Minas*, em sua edição de 08 de junho de 1951: “De vez em quando, extasiada nos braços animalescos e gostosos de Carlito, se recordava do filho de dona Clarinda e dizia sorrindo ao amante – sabe como ele me provocava? Quem? Perguntava o homem raivoso. O Pedrinho, filho de dona Clarinda. Pedia-me para deixar trepar na laranjeira, e eu sabia o que isso significava. Atirava-se forte desta aos meus seios pequeninos e babando-se todo gritava: ‘Éta laranjinha gostosa’”. Depois de tanto morder as mãos de Carlito, Car-

mem passou a viver na sua companhia, embora já aceitasse convites para sair com outros homens. E o próprio Carlito se encarregou de trazer os primeiros clientes. “Estes”, prosseguia a comovente narrativa, “arrastavam o coito a três, quatro espasmos. Porém era somente Carlito que a levava ao aniquilamento completo, na sua mais dolorosa e agradável sensação da carne, da tortura, do espasmo”.

A *Folha de Minas*, órgão oficioso do Estado, contou assim essa pequena cena: “No restaurante de peixes, a madame perguntou ao garçom: - Pirarucu? E o garçom, rápido, olhando pros lados – Tiraram, sim, senhora”.

A reação à edição foi tão arrasadora, emudecendo nossos críticos, que nunca mais voltaram ao assunto.

Na segunda fase, a panfletária, publicamos matérias explosivas, que chocaram a opinião pública mineira. Vejam algumas de suas manchetes: “Bias peculatório” e “Bias, além de peculatório, contrabandista”, referindo-se ao governador do Estado, Bias Fortes. E mais: “A polícia virou um ninho de ratos”; “A camarilha dominante garante o silêncio da imprensa para assegurar a impunidade de seus crimes”; “Loucos do hospício de Barbacena trabalhando como escravos na fazenda de Bias”; “Governo de picaretas leva o povo à miséria e ao desespero”; “Na fazenda de Bias, até os cavalos vivem à custa dos cofres públicos”.

Mas sobrava também para outros políticos, municipais, estaduais e federais, que não escapavam ao tiroteio.

A fase final, que foi o coroamento de todas essas experiências, fez do *Binômio* um órgão de influência muito mais ampla, com reportagens que comoveram o Brasil. Uma delas foi a do jornalista e escritor Roberto Drummond, revelando o tráfico de trabalhadores nordestinos no mercado informal existente na cidade de Montes Claros, no Norte de Minas. Com seu companheiro, o fotógrafo Antônio Cocenza, conseguiu comprar um casal desses trabalhadores, como prova da denúncia, exibindo-os em várias partes do País. Houve outras reportagens de grande repercussão: “Ódio racial contra negros e judeus. A discriminação em hotéis, clubes e colégios de Belo Horizonte”; “Jogo do bicho compra polícia de Minas. Contabilidade secreta da contravenção revela que 80% da polícia civil mineira recebia propina dos bicheiros”; “Um povo encontra seu destino. Cuba: os fuzis e o humanismo da revolução” (caderno elaborado pelo jornalista Guy de Almeida sobre os dois primeiros anos da

revolução em Cuba); “Democrata hoje, fascista ontem. Afinal quem é esse general Punaro Bley?”. (Essa reportagem, como veremos, provocou a depredação do jornal).

O jornal enfrentou, em 1961, um poderoso e indignado general, de que resultou em seu empastelamento. Conte-nos o que foi o episódio e quais as consequências?

RABÊLO – Em dezembro de 1961, o *Binômio* publicou uma reportagem sobre o então comandante da ID-4, Infantaria Divisionária, general João Punaro Bley, cuja unidade era a mais importante do Exército em Belo Horizonte, e que se integrou aos grupos golpistas tão logo chegou a Minas. A reportagem lembrava a atuação do general como interventor do Estado Novo no Espírito Santo, quando cometeu as maiores truculências contra presos políticos, tendo inclusive construído um campo de concentração para punir seus adversários, sobretudo jornalistas, estudantes, professores e líderes sindicais.

Em vez de recorrer à Justiça como faria qualquer cidadão que se sentisse ofendido, preferiu ir à redação do *Binômio* para “um acerto de contas”, conforme suas palavras. Chegou lá por volta das 11 horas – era o dia 21 de dezembro – demonstrando grande nervosismo. Estava fardado, levando em uma das mãos o bastonete metálico denominado insígnia de comando, símbolo de sua investidura, e na outra, um exemplar do *Binômio* com a reportagem. Já em minha sala, onde o recebi de pé, sozinho, foi logo perguntando em seu estilo agressivo e provocador: “Quem escreveu esta merda contra mim?”. Eu lhe respondi, prontamente, dizendo que se tratava de uma reportagem muito documentada, e que eu era responsável por tudo o que o jornal publicava. “Então, você é um filho da puta!”, retrucou, tentando agredir-me com a referida insígnia de comando, a exemplo do que sempre fazia com seus desafetos, para humilhá-los, nos tempos de interventor no Espírito Santo. Como eu consegui arrebatá-lo a insígnia, passou a agredir-me a socos e pontapés, jogando-me por cima de minha mesa de trabalho. Foi aí que reagi, defendendo-me como pude. Nesse desforço, ele levou nítida desvantagem, tendo recebido alguns golpes que lhe causaram hematomas no rosto e pelo corpo, embora eu também tenha sido atingido principalmente no peito e nos braços. Quando estávamos atacadados, rolando pelo chão, e ele prosseguia

com seus xingamentos, os companheiros da redação entraram na sala e nos separaram. Ao ser retirado do jornal por seu ajudante de ordens, que o aguardava no corredor, não deixou dúvidas quanto ao que viria: “Isto não vai ficar assim!”.

E não ficou. Três horas depois, uma tropa com mais de duzentos praças e oficiais do Exército e da Aeronáutica, além de alunos do CPOR, sob as ordens de seus respectivos comandantes, invadiu e depredou totalmente as instalações do jornal, em um prédio localizado no centro da cidade. Tudo foi destruído: móveis, arquivos, as velhas máquinas de escrever, equipamentos fotográficos, a coleção de números atrasados, até os vasos sanitários. Eu consegui escapar, pois não estava lá quando chegaram, viajando logo depois para São Paulo, onde permaneci por alguns dias. O *Binômio*, entretanto, graças a nossos companheiros, não deixou de circular um só número, ainda que funcionando precariamente em outras instalações, republicando a reportagem que provocou a depredação e denunciando a ação criminosa dos comandados do general.

Todos esses fatos tornaram-me, em Minas, um dos alvos principais das represálias dos golpistas em 1964, obrigando-me a sair do País, exilado, para salvar a vida. O jornal, por sua vez, foi novamente depredado e, em seguida, proibido de circular.

Iniciava-se assim o longo exílio, na Bolívia, no Chile e na França, vivido por mim, pela Thereza, essa extraordinária companheira que perdi há pouco mais de três anos e pelos nossos sete filhos menores, o primeiro, Álvaro, com 12 anos quando deixamos o Brasil, que também não está mais entre nós, e o último, Ricardo, com apenas dois, além de Pedro, Mônica, Patrícia, Hélio e Fernando. Ricardo, hoje jornalista, edita no Rio o jornal alternativo *Bafafá*, que pode ser visto como herdeiro do *Binômio*.

Poderia sintetizar como se deu o seu exílio pelo mundo?

RABÊLO – No começo, tivemos a ilusão de que iria durar pouco tempo. Já na Bolívia, comecei a aprender suas primeiras e duras lições. O vice-presidente da República e famoso líder sindical Juan Lechín, que conheci ao chegar a La Paz, me chamou a atenção: “Só acredite na volta quando já estiver lá dentro de seu país. Eu posso te dar este conselho, porque já estive exilado seis ou sete vezes”.

A segunda lição foi a descoberta da América hispânica, um fenômeno que atingiu quase todos os exilados brasileiros. Fomos tomando conhecimento, a cada passo, da portentosa realidade cultural, social e política, que os povos da “outra” América tinham a nos mostrar e que praticamente ignorávamos.

Na Bolívia, ficamos apenas sete meses, pois um golpe militar, apoiado pela ditadura brasileira, derrubou o governo que nos recebeu. Tivemos então de partir para nosso segundo exílio, no Chile. Lá vivemos algumas das maiores emoções de nossas vidas, como a vitória de Allende e a tragédia do golpe de Pinochet. No livro *Diáspora*, eu e Thereza relatamos em detalhes os terríveis acontecimentos que nos envolveram no Chile, entre eles a inclusão de meu nome na primeira lista das pessoas que deveriam se apresentar no Ministério da Defesa, em 24 horas, [sob pena de fuzilamento](#).

Na última escala de nossa peregrinação, na França, fizemos contato com um mundo que só de longe conhecíamos, e que foi igualmente de múltiplas revelações para todos nós.

Depois de anos e anos dedicados ao jornalismo o senhor passou para a literatura e a história. São quantos livros produzidos e lançados até os dias de hoje? Belo Horizonte tem sido um tema constante em sua vida e, conseqüentemente, em sua obra. O que seus leitores belorizontinos podem esperar para os próximos anos?

RABÊLO – Sim, tenho trabalhado muito com temas históricos. O primeiro livro foi justamente sobre a história do *Binômio*. O segundo, *Diáspora*, com o relato de nossas atribuladas andanças pelo mundo e agora *Os Caminhos do Exílio*, que deve circular até o fim do ano, sobre o mesmo tema, mas com outros enfoques. Antes, tinha editado *Residência Provisória*, de poemas, também sobre o exílio.

Depois, publiquei o que talvez seja a mais completa obra histórica sobre Belo Horizonte, *Do Arraial à Metrópole – 300 Anos de História*. Publiquei também, com belíssimas fotos de meu filho Fernando Rabêlo, *Cores e Luzes de Belo Horizonte*. Agora, com três colaboradores (professores João Antônio de Paula e Fernando Correia Dias, da UFMG, e do jornalista João Paulo Cunha, estou terminando *A História Geral de Minas*, que será lançado no próximo ano.

Tenho gostado muito da nova profissão, mas não consigo esquecer o jornalismo, que foi meu primeiro e grande amor.

***Jornalista**



Registros da Pré-História no Sul de Minas

Marcos Paulo de Souza Miranda*



Achados arqueológicos revelam a presença humana do Sul de Minas há 3.500 anos

Vestígios Remotos

Estão equivocados aqueles que pensam que a história de Minas Gerais se iniciou com a descoberta do ouro pelos bandeirantes paulistas, no final do século XVII.

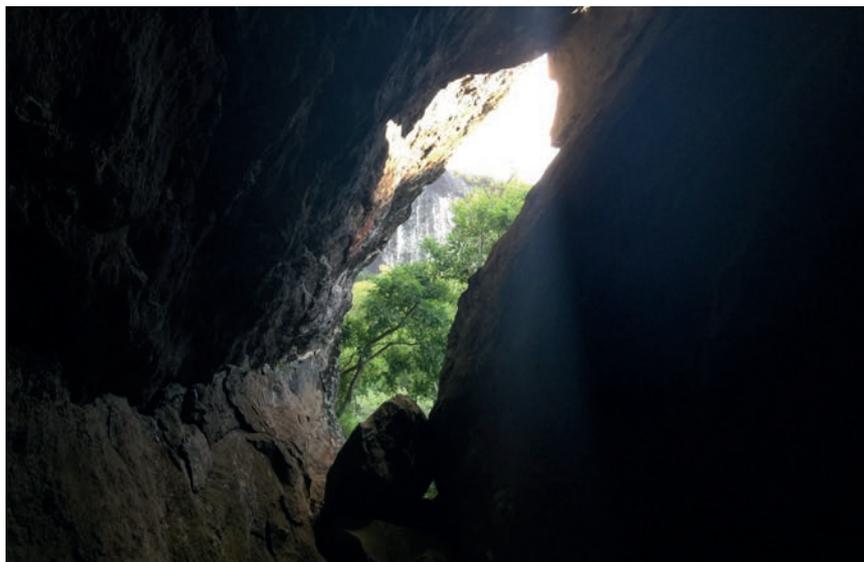
Milhares de anos antes o território mineiro já era habitado por populações pré-históricas que deixaram diversos vestígios que hoje começam a ser pesquisados por cientistas e procurados por turistas, ganhando relevo em ações de preservação e difusão do patrimônio cultural mineiro no cenário do ramo do chamado arqueoturis-

mo, que propõe o conhecimento e a visitação consciente e sustentável de sítios arqueológicos.

No Sul de Minas, abrigos rochosos existentes em pontos altos da Serra da Mantiqueira guardam centenas de pinturas rupestres com representações instigantes de objetos geométricos, animais e utensílios do uso cotidiano de populações pré-históricas, registradas com tintas fabricadas a partir de elementos naturais, como óxido de ferro e argila branca.

Já foram localizados sítios arqueológicos rupestres nas cidades de Andrelândia, Baependi, Carrancas,





Luminárias, São Tomé das Letras e Serranos, que guardam algumas características comuns, como a predominância de motivos geométricos e a grande presença de sauros (lagartos) nas representações rupestres, que são, em sua grande maioria, vermelhas.

A região é também muito rica em objetos arqueológicos fabricados pelos antigos habitantes com pedra polida (machados, soquetes, batedores), pedra lascada (pontas de flecha, raspadores, facas) e cerâmica (potes de variados tamanhos que serviam para guardar alimentos, armazenar água ou mesmo para o sepultamento dos mortos). Muitos desses objetos são encontrados fortuitamente por agricultores quando preparam a terra para o plantio.

Mais recentemente, o achado inusitado de canoas pré-históricas submersas nos Rios Aiuruoca e Grande, entre as cidades de São Vicente de Minas, Andrelândia e Santana do Garambéu, trouxe um aporte de relevo para a melhor compreensão do modo de viver dos primeiros povoadores do Sul de Minas: eles eram ótimos fabricantes de canoas (sabiam escolher as madeiras corretas que eram habilmente escavadas com instrumentos de pedra e o auxílio do fogo para facilitar o entalhe) e se valiam dos rios como vias de circulação pelo território, além de fonte de alimentação.

Capital do arqueoturismo

Para quem pretende ter contato com esses vestígios e conhecer melhor como era a vida na pré-história, imprescindível visitar a cidade de Andrelândia, que é considerada a capital do arqueoturismo no Sul de Minas.

Situado a 280 km de Belo Horizonte, em Andrelândia está situado o Parque Arqueológico da Serra de Santo Antônio, criado em 1994 e que abriga os mais importantes vestígios da pré-história da região. A principal atração do Parque é o painel da Toca do Índio, onde estão pintadas em amarelo, vermelho e branco mais de seiscentas figuras rupestres, incluindo lagartos, tartarugas, armas e figuras geométricas que podem estar associadas a antigas observações astronômicas. Datação realizada em um fragmento de carvão escavado por arqueólogos da Universidade Federal de Minas Gerais revelou a presença do homem no local há pelo menos 3.500 anos.

O Parque conta com boa infraestrutura de visitação, com trilhas sinalizadas, e ainda abriga uma canoa pré-histórica esculpida em um único tronco de araucária, árvore que atualmente encontra-se em risco de extinção e que era lar-

gamente utilizada na pré-história. A canoa foi recentemente encontrada encalhada e submersa no leito do Rio Grande, sendo resgatada para fins de preservação e pesquisa.

Teste feito com Carbono 14 em uma amostra da madeira, no Laboratório Beta Analytics, em Miami, na Flórida (EUA), comprovou que a peça data de aproximadamente 1610 – sete décadas antes da chegada dos primeiros bandeirantes à região. Trata-se de um objeto raríssimo e que, por si só, vale uma visita ao Parque Arqueológico.

O Parque foi criado e é administrado por uma organização não governamental, sem fins lucrativos, chamada Núcleo de Pesquisas Arqueológicas do Alto Rio Grande (NPA), integrada por voluntários que se dedicam à pesquisa e preservação do patrimônio cultural desde 1986. No ano de 2003 o NPA recebeu o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, concedido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que considerou a implantação do Parque a melhor ação de preservação do patrimônio arqueológico do país.

***Coordenador da Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico de Minas Gerais e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais**



Memória da comunidade judaica de Belo Horizonte

Julia Calvo*

Belo Horizonte, construída para ser a nova capital do Estado de Minas Gerais e inaugurada em 1897 tornou-se uma cidade de migrantes. Com crescimento populacional significativo nas primeiras cinco décadas, logo ultrapassou a previsão de habitantes da Comissão Construtora que era de 200.000, reunindo migrantes de dentro e de fora do Brasil que começaram a chegar ainda durante a construção da nova cidade.

Os judeus marcaram sua presença aqui desde o início e prova disso é a loja “A Constructora”, do judeu alsaciano Arthur Haas que passou a funcionar na cidade em 1894. Aqui chegaram atraídos pelas possibilidades de trabalho e de inserção puderam erguer uma sólida comunidade que continua até nossos dias marcando presença na cidade.

Surpreende o grande número de judeus que já estava na cidade entre os anos 1920 e 1940 frutos da pesquisa de doutoramento. Os registros indicam que mais de uma centena entre 1931 e 1932 e quase duas centenas entre 1937 e 1941 eram associados à União Israelita de Belo Horizonte. A associação ao clube era voluntária e incluía contribuição financeira e participação social comunitária.

A proposta aqui é pontuar a presença da comunidade e organizamos nossa reflexão em três temas: Quem; Quando; Onde.

Quem

Quem eram os judeus na cidade? Eram migrantes, que geralmente vieram para Belo Horizonte depois de passar por outra grande cidade como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Sua origem pode ser apon-

tada no levantamento das listas de sepultamento e das associações judaicas existentes nas primeiras quatro décadas na cidade (Sociedade das damas israelitas, União Israelita de Belo Horizonte).

Na tabela 1 estão identificadas as nacionalidades declaradas dos sócios da União Israelita de Belo Horizonte:

TABELA 1: Sócios-contribuintes da União Israelita de Belo Horizonte por nacionalidade, 1927-41

Origem	Quantidade
Brasileiro ou brasileiro naturalizado	06
Romênia	25
Palestina	28
Rússia	24
Polônia	14
Bulgária	01
Inglaterra	01
Argentina	02
Áustria	01
Hungria	01
Turquia (Ismirna)	01
Total	104

(Fonte: Livros da União Israelita/IHIM. Elaborado pela autora, 2013)

Conforme se vê a grande maioria se divide entre os romenos, os palestinos e os russos, dados reforçados e confirmados também pela tabela 2, sobre os sepultamentos dos judeus. É importante ressaltar que os judeus que morriam na cidade, até a inauguração do Cemitério Israelita em 1937, eram sepultados no Cemitério Público da cidade (Cemitério do Bonfim). Os dados abaixo foram retirados da listagem dos judeus transferidos do Bonfim para o Cemitério Israelita com o início de seu funcionamento.

TABELA 2: Registro de falecimentos e nacionalidade, 1921-1937

Estado Civil	Casados 17		Viúvos 03		Solteiros 12		Total 31
Países de Origem							
País de origem	Rússia 14	Polônia 03	Palestina 06	Lituânia 02	Romênia 06	Brasileira 01	Total 31
Relação por ano/período							
Ano de sepultamento	1921 02	1928 02	1930-31 03	1932-33 07	1934-35 10	1936-37 06	Total 31

(Fonte: Arquivo do Instituto Histórico Israelita Mineiro (IHIM)/ Pasta do Cemitério Israelita, elaborado pela autora em 2013)

É possível confirmar assim que o judeu já estava aqui nos anos 1920. Entre 1921 e 1937 e se registra também que os falecidos eram casados em sua maioria (54%), mas que também é muito significativo o número de solteiros (45%).

Quando

Os dados sobre sepultamento já confirmam que muitos judeus viviam aqui nos anos 1920. Os judeus vem para o Brasil juntamente com a onda de migrações internacionais do final do século XIX. As migrações internacionais entre 1870 e 1915 foram consequência, principalmente, da chamada transição demográfica, ocorrida ainda na segunda metade do século XVIII, que levou à estabilização das taxas de mortalidade e seu gradual, lento e progressivo decréscimo. O aumento populacional europeu, sentido no século XIX, vai gerar desequilíbrios e o deslocamento principalmente para continente americano, que criava oportunidades de trabalho.

O fator central da migração internacional está associado, portanto, ao acesso à terra como reflexo da pró-

pria transição demográfica, (produção de gêneros, sobrevivência e ao trabalho) dificultado pela mudança dos direitos sobre a terra, pela variação da produtividade das colheitas e pela modernização agrícola como resposta ao crescimento internacional.

Estes deslocamentos são dirigidos principalmente aos Estados Unidos, como destino preferencial, seguidos pela Argentina e em terceiro lugar para o Brasil. As motivações e a atração pela América associavam-se à oferta de terra (abundante e barata), às possibilidades de trabalho, à informação nos países de emigração sobre a América e suas condições de emprego, às numerosas viagens marítimas que garantiam o contato extra atlântico.

As motivações estão ligadas ao contexto internacional, ao contexto de crise e desintegração do Império turco e, para Belo Horizonte se soma também a migração para tratamento de doenças infecto-contagiosas, como a tuberculose.

As doenças respiratórias, principalmente a tuberculose, levaram ao maior número de óbitos entre o final do século XIX até os anos 1960 no Brasil, em Belo Horizonte e entre os israelitas da cidade.



Belo Horizonte já nasce convivendo com os óbitos pela tuberculose, mesmo antes da inauguração, quando ainda se chamava Cidade de Minas. Os dados estatísticos evidenciam o crescimento persistente da doença e dos óbitos a ela relacionados durante as primeiras cinco décadas do século XX.

A marca da doença para cidade é tão significativa que a própria Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, criada em 1911, foi fundada por médicos, na maioria vindos do Rio de Janeiro e enfermos de tuberculose, que vieram para a cidade usufruir da estrutura e do clima, na crença de uma cura pelo clima e estruturaram o tratamento e a formação de médicos na cidade.

Essa noção de cura pelo clima associa-se a uma noção da capital mineira como uma cidade salubre, segundo REQUEIJO (2005, p. 19) por uma série de fatores associados: o clima de montanha, o céu azulado, a claridade e também ao conforto moral e material que a cidade “moderna” oferecia por meio das ruas largas e arborizadas, que facilitavam a circulação de ar, os parques e jardins e a estrutura de grandes armazéns, lojas e livrarias, que forneciam aos doentes tudo o que neces-

sitavam. Essas características vão dar novos apelidos à cidade nas décadas de 1920 e 1930, substituindo os sarcásticos como “cidade dos papudos”, “poeirópolis” e “formigópolis” por “cidade saúde”, “cidade sanatório”, “cidade certa” e “cidade jardim”.

A questão climática é um dos fatores que explicaria para REQUEIJO (2005) o próprio crescimento acelerado da cidade entre os primeiros 40 anos de existência da cidade. Esse ar renomado, que levou Belo Horizonte a ser considerada como “a Suíça brasileira”, foi um importante atrativo para os migrantes judeus, que acabaram trocando outras capitais pela cidade:

- Onde é que eu vou que não tem esse calor?
- Vai para Belo Horizonte. Tem uma capital nova de Minas Gerais, você vai lá que você vai ver que o clima é muito bom lá. Tanto é /assim/que muita gente que sofre do pulmão vai para Belo Horizonte, porque lá em Belo Horizonte, porque lá em Belo Horizonte o clima é magnífico. (depoimento de Judith Cohen, 1991. Citado por Cuperschmid, 1997, p. 108).

Belo Horizonte tornou-se assim referência no tratamento da tuberculose com a construção de centros de tratamento especializados como clínicas e hospitais (que continham alas destinadas a esse fim) e infraestrutura adequada como pensões para os pacientes e seus familiares durante o tratamento.

Onde

A questão é onde os judeus localizaram-se na cidade. O ponto mais importante e que marca uma certa singularidade da cidade de Belo Horizonte é que não houve criação de espaços com características de guetos, como em outras cidades do país. Não há um bairro de judeus específico na cidade, mas espaços que se destacaram pela ocupação deles na cidade.

O primeiro deles é o centro, foco do desenvolvimento comercial da cidade e da participação dos judeus o comércio da cidade. Os judeus começaram como ambulantes e prestamistas. Assim que consolidam-se tendem a abrir um estabelecimento comercial.

Em Belo Horizonte, os comércios de proprietários judeus alcançaram um número significativo: eram mais de cinquenta estabelecimentos comerciais e estavam divididos entre a atividade principal de móveis e decoração e de vestuário (tecidos e moda), em maior quantidade. Ainda há o destaque, apesar de numericamente inferior, mas como referência na cidade, para o comércio de bijouterias e jóias.

Também marcaram presença na cidade as lojas com diversos produtos que iam desde material para construção e elétrico, eletro-eletrônicos, brinquedos, ali-

mentação (mercado, café e restaurante, banca de verdura/legumes), boates (dancings, cabaré, gafeira), relojoaria, concerto e comércio de guarda-chuvas, construtoras, financeira e fábricas (colchão, roupas prontas).

É importante dizer que, pelo domínio de uma outra língua, pelo conhecimento cultural e atitude cosmopolita, também trabalharam com mercadorias importadas. Os judeus, no primeiro momento, que chegavam à cidade sabiam fazer alguma coisa, tinham uma habilidade ou a tradição de um ofício. Posteriormente, quando já estabelecidos com algum dinheiro, ampliavam seus negócios e acabavam ocupando o nicho da especialização no comércio em algumas áreas, principalmente na introdução do comércio de artigos de luxo.

Além da marca da presença dos judeus no comércio os judeus também se organizaram em associações e clube representativos. Entre 1920 e 1940 fundaram na cidade um clube (a União Israelita de Belo Horizonte), uma associação beneficente (Associação das Damas Israelitas), um cemitério privado (o Cemitério Israelita) e uma escola (a Escola Israelita).

Assim se fortaleceram e se fizeram representar garantindo participação, mas também uma possibilidade de fazer parte da História da capital mineira. Importantes na ocupação e na infraestrutura do ideal de metrópole que acompanharam não só o sonho, mas também a necessidade da composição de uma grande cidade.

***Doutora em Ciências Sociais pela PUC Minas. Pesquisadora do Instituto Histórico Israelita Mineiro e professora do Departamento de História da PUC Minas.**



A HISTÓRIA DE **MINAS** VIA GRÃO MOGOL

Manoel Hygino dos Santos*

Para escrever sobre Grão Mogol, não há problema. Fontes são inúmeras. Guardei praticamente na memória duas linhas de Haroldo Lívio de Oliveira, advogado, escritor, historiador: Incrustada, no regaço da Cordilheira do Espinhaço, Grão Mogol é pedra, é cristo, é ouro, é diamante...

A partir de finais do século XVII, há registros confiáveis da passagem de caçadores de riquezas minerais na região. O próprio Fernão Dias Pais circulou nas redondezas, e lendas transmitiam informações que excitavam a cobiça.

Mas os fatos vêm logo após o descobrimento por Cabral. Os índios falavam de belas esmeraldas, tão do interesse dos europeus, de metais preciosos, de ouro. O segundo governador do Brasil, Duarte da Costa, cuidou de adentrar o sertão. O padre João de Aspilcueta Navarro, em 1553, descrevia os desafios daqueles “sertões virgens, intratáveis a pés portugueses, dificultosíssimos de penetrar, sendo necessário abrir caminhos a pé, à força de braços, atravessar lagoas e rios, caminhar por matos espessíssimos, que impediam até a luz do dia”.

A dilatada serra que perlongaram foi a do Grão Mogol, da Itacambira, das Almas, nomes diversos, inúmeras e grandes dificuldades. Dentre os desbravadores, destacou-se Fernão Dias Pais, que apareceu por ali em 1674, dando sequência ao trabalho iniciado por outros sertanistas. Há natural variação de datas, mas foi inegavelmente a partir das últimas décadas do Dezesete que a busca por ouro e diamantes ganhou maior vulto.

Os garimpeiros surgiam de todos os lados; de diversas procedência e formação, mas ousados em suas investidas. Aqueles vales e montanhas eram razão de avidez e cobiça, nascendo povoados sobretudo nos pousos das bandeiras. Até o começo do século XIX, o antigo Distrito dos Diamantes por ali se localizava. Este partia do Serro, das cabeceiras do rio Jequitinhonha, corria para o Nordeste e ao longo da chapada de São Domingos, que reparte os rios Araçuaí e Jequitinhonha, até a barra do primeiro. Então, infletia para o Norte até cerca de Grão Mogol e, em seguida, para o Sul até o Parauna. Tomava o rumo Leste, fechando nas cabeceiras do Jequitinhonha, como aproximadamente definido no tratado geral da Demarcação Diamantina.



Presépio Mãos de Deus



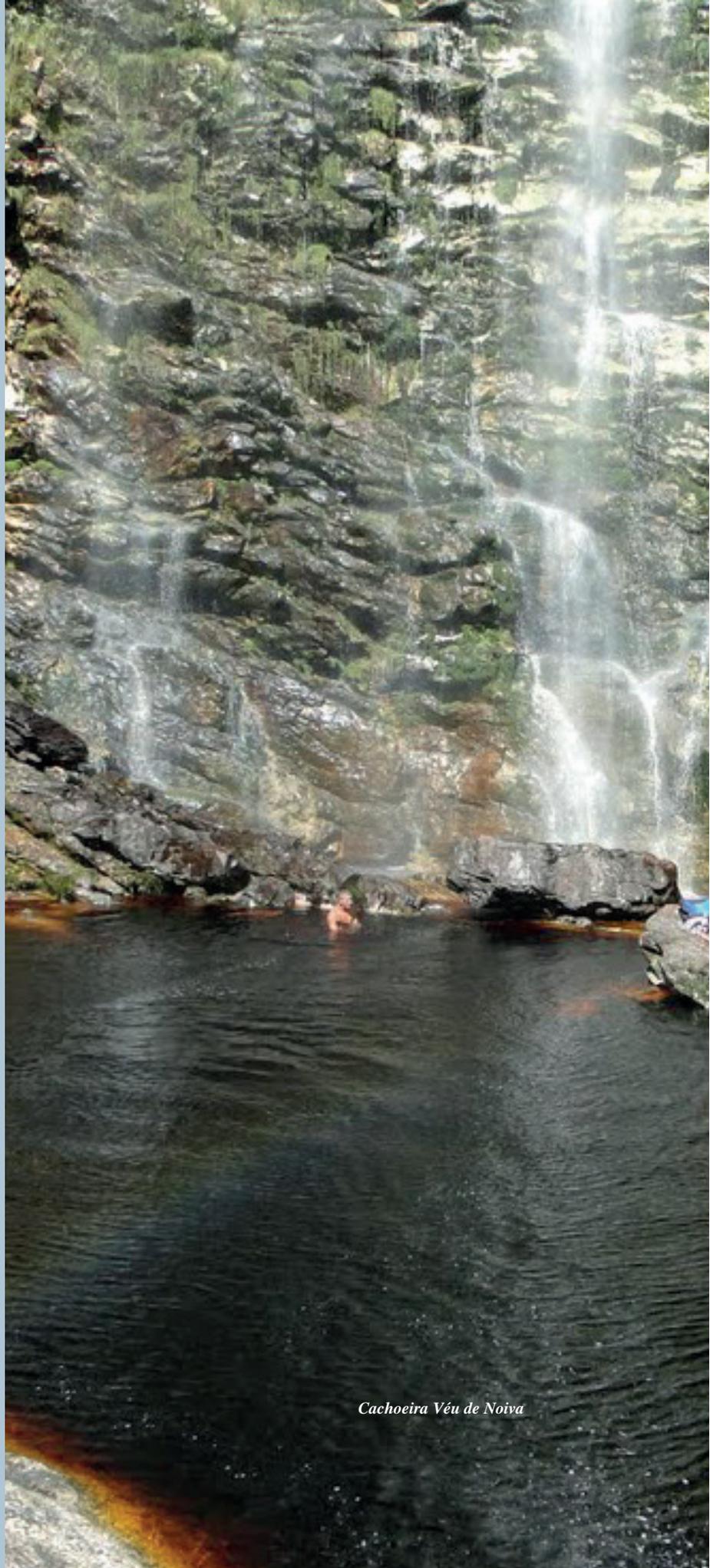
Festival de Inverno de Grão Mogol

A população da região crescia com os descobertos de ouro. Ao lado de Grão Mogol, formavam-se pequenos conglomerados humanos que se tornaram povoados, arraiais, vilas, cidades. Pensou-se, no auge da mineração, em criar-se uma província, cuja capital seria na Vila de Nossa Senhora do Bom Sucesso das Minas Novas da Contagem, hoje simplesmente Minas Novas.

As lendas persistiram, embora a mineração decrescesse. Apesar de aventureiros já terem percorrido toda a grande e quente região visando seus desígnios, a partir das primeiras décadas do século XVIII, ela já ganhara fama e despertara desejos imoderados. Segundo Manuel Esteves, 1781 marca, na cronologia da mineração, o aparecimento dos primeiros diamantes na Serra de Santo Antônio do Itacambiruçu. Mesmo perseguidos pelo governo colonial, os garimpeiros fundaram o Arraial da Serra, futuro Grão Mogol.

Para aqueles dominadores de lugares distantes, a realização se encontrava no garimpo e eles se submetiam a toda espécie de privações, de misérias, admitindo perseguições, que incluíam o degredo para a África. Luís Sabóia Ribeiro descreve: "... Os garimpos não passam de um agrupamento de barracas, valhacouto de aventureiros algo perigosos, acampamento de nômades, os quais apanham diamantes a mancheias".

Antes da proliferação desses grupos, a região era refúgio de caboclos azeitonados, ainda no estágio da caça e pesca, que rondavam as poucas fazendas, afastadas desmesuradamente uma das outras, sujeitas à sanha de criminosos, de escravos foragidos, pessoas rebeladas contra as ordens régias e acoçadas pelos agentes da colônia.



Cachoeira Véu de Noiva



Cena do Presépio Mãos de Deus

O escritor Haroldo Lívio, que lá nasceu, registra que a cidade foi “a primeira da civilização mineira, na zona geográfica hoje polarizada em Montes Claros e, quando no apogeu da mineração diamantífera, conseguiu registrar doze mil almas, população bastante expressiva para aquela época de fastígio, que abrangeu o Império e os primeiros anos da República”.

Entanto, reduzido ao mínimo o ímpeto da mineração, viu-se o lugar abandonado pelos aventureiros e caçadores de fortunas. Ficou a

lembrança das tropas de mulas que, carregadas de ouro e pedras preciosas, transportavam riquezas para conquistar mares, ampliar o império e enriquecer a corte. Mas o cenário não se parecia com aquele dos filmes de antigas cidades do Oeste americano, esvaziadas depois da febre do ouro. Na tricentenária localidade, os muros entre propriedades resistiam e se mantêm de pé, construídos pelo labor duro dos escravos, colocada pedra sobre pedra. Alguma gota de sangue dos cativos pode, quem sabe?, perceber-se nas divisórias históricas.

Lúcio Marcos Bemquerer, empresário bem sucedido e prestigioso, ex-presidente da centenária Associação Comercial de Minas, sociólogo, nascido em Grão Mogol, cumprida sua missão em Belo Horizonte, decidiu voltar e subir a serra. Não desejava que ela fosse somente um relicário de fatos pretéritos. Outros grãomogolenses o seguiram, de volta, como o jornalista Alberto Sena, que constata hoje ficarem as residências com janelas e portas abertas, graças à sensação de segurança, um privilégio.



Casa de Pedra

Gente de várias partes do mundo passou por Grão Mogol no período de efervescência do garimpo, ainda no regime imperial, quando Dom Pedro II concedeu o título de Barão de Grão Mogol ao coronel da Guarda Nacional, Gualter Martins Pereira. O título lhe foi dado como reconhecimento à ousadia de ter formado, fardado e armado um batalhão para lutar na “Guerra do Paraguai”, integrado por alguns dos seus irmãos, outros civis e escravos.

Grão Mogol propicia boa qualidade de vida. Não há chaminés cuspidos poluição. Os ares são puros e as paisagens lindas. Há sossego. Os males das cidades grandes ainda não chegaram a Grão Mogol, servida de estrada asfaltada, acessada por meio da BR-251, já exigindo urgente duplicação. Se séculos atrás o diamante era a atração maior da região, atualmente é o presépio natural “Mãos de Deus”. A obra completou quatro anos e já levou a Grão Mogol mais de 60 mil pessoas,



Rua da cidade

da região, de várias partes do país e do exterior – Alemanha, Suíça, França, Estados Unidos, China, Peru, Bolívia, Argentina e outros países.

Lá se realiza o Festival de Inverno organizado pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), com a parceria da Prefeitura Municipal. O próximo em julho. O presépio “Mãos de Deus”, perene e a céu aberto, antes mesmo de ser concluído, já era considerado “o maior do mundo”. É uma chama cristã acesa, ardendo tanto de dia como de noite.

A obra se inspira em iniciativas semelhantes no primeiro mundo em visitados pontos turísticos internacionais, como Fátima, Portugal; Lourdes, França; e o Santo Sepulcro, em Jerusalém. O presépio recebeu uma carta do Papa Francisco com Bênçãos Apostólicas para quem o visitou e o visitar. Os visitantes recebem um exemplar da carta e publicações narrando a história do empreendimento.

Não se tem a menor dúvida de que o presépio marca uma

nova era para Grão Mogol. Tornou-se referência e o principal ponto de turismo religioso do Norte de Minas. Conta a história do nascimento do Menino Jesus, por meio de esculturas, tamanho natural, em cimento e pedra sabão. São oito as estações. Na primeira delas, Maria ouve a boa nova de que será mãe do Salvador, na palavra do Anjo Gabriel, postado no alto de uma pedra. A estação mais expressiva é a Manjedoura com as esculturas de São José, fora da lapa; Maria e o Menino Jesus, na estrebaria, observado pelo rei mago Gaspar, um boi e um burrinho, a certa distância. As pedras enormes aguardavam ali há milhares ou milhões de anos.

A distância de Belo Horizonte (600 km) foi reduzida. Da capital agentes multiplicadores de opinião visitam a obra, um bólido caído do espaço para sensibilizar não só Grão Mogol, mas o mundo inteiro.

***Jornalista, escritor, membro da Academia Mineira de Letras**

Medievalidade Mineira no Século XVIII

Bruno Terra Dias*

I – Introdução

A compreensão da História demanda mais que a mera compartimentação e distribuição de fatos relevantes, comprovados ou supostos, em uma tábua de saberes. Por igual, a simples intenção de perpetuação de pessoas e relatos memoráveis não alcança o status histórico. Há muito mais. Homens não descansam e instituições são devotadas ao descobrimento e comprovação de verdades ou de suposições que, saindo da especulação, do folclore ou da mitologia ganham o mundo dos livros dotados de autoridade e aceitação. A fantasia de um tempo pode transfigurar-se em realidade demonstrada pela quase magia do método.

Cogitar da História é compor relações de tempo: passado, presente e futuro. Não se trata de qualquer cogitação, mas de relacionar elementos sensíveis de diversas áreas. Afinal, o homem não existe por si, mas em um contexto, aquilo que se poderia nominar por tempo histórico. Koselleck¹, em melhor forma, expressou:

Ya hay que poner en duda la singularidad de un único tiempo histórico, que se ha de diferenciar del tiempo natural mensurable. Pues el tiempo histórico, si es que el concepto tiene un sentido propio, está vinculado a unidades políticas y sociales de acción, a hombres concretos que actúan y sufren, a sus instituciones y organizaciones.

Mais que a verdade demonstrada e do contexto formador do tempo histórico, colhe-se, ainda, a periodização como necessária à formação daquilo que se convencionou ser a História. Tempo, contexto e periodização, permitindo a formulação de um passado contínuo.² Verdade, contexto e periodização tornam-se componentes de uma experiência que se acumula e relata metodicamente, descortinando o porvir como horizonte possível, a que denominamos expectativas. Se o cristianismo limitou a possibilidade de descompasso entre experiência e expectativa, o gradativo descolamento de uma em relação a outra construiu a modernidade.³



II – Periodizações

O tempo, a despeito do que nos vem à mente, condicionada por calendários e relógios, o transcurso de noites e dias, ciclos anuais, datas comemorativas e aniversários, tem outras perspectivas. Para estudar, ensinar, ir além de uma proposta literária, exige-se a consideração de longa duração. Em se tratando de ciência social, com fontes próprias, cujo movimento permite revisões, a história necessita a distinção entre a comunicação entre as diversas regiões e culturas do globo, de um lado, e a absorção das experiências de outros povos; o primeiro passo já se consolidou, mas o segundo, aguarda ocasião⁴, se é que ocorrerá. O tempo histórico é, portanto, múltiplo, na segregação de períodos em culturas e civilizações que encerram práticas e valores comuns, e único, no seu estudo, na perspectiva que aponta nos horizontes das expectativas.

Critérios diversos, ao longo da saga civilizacional, foram escolhidos para distribuir o tempo histórico. Esses critérios constituem um dos pontos de dores e incertezas entre historiados de diversas épocas, o que não invalida os esforços de atendimento a um imperativo intelectual:

A periodização é, assim, um campo maior de investigação e reflexão para os historiadores contemporâneos. Graças a ela se esclarece a maneira pela qual a humanidade se organiza e evolui na duração, no tempo.⁵

III – Uma longa Idade Média

Não por acaso repetimos o título de uma das notáveis obras de Le Goff. A Idade Média teve suas características delineadas na política, nas artes plásticas, na música, economia, poderes da Igreja,

conformação social, expressões e limitações do pensamento. Se os conceitos, em sua expressão e forma, repetem-se, se a sociedade mantém sua organização a partir desses conceitos, se as artes plásticas e a música comunicam o conteúdo religioso ditado pelo domínio da mesma Igreja, se a economia e os confrontos de poder ainda ocorrem com lastro em idênticas ou muito semelhantes bases, deve a periodização segregar períodos com tanto em comum, como se fossem absolutamente distintos?

Se a tomada de Constantinopla, em 1453, e a descoberta da América, em 1492, não alteraram substancialmente as relações humanas, se o domínio da Igreja prevaleceu, a forma de pensar e agir, a escassa ou inexistente noção de economia e participação política do homem comum dos anos 1950 permaneceu, o que autorizaria separar Idade Média e Renascimento? Há ainda a considerar o chamado Renascimento carolíngio, do século IX, e o comercial e urbano, dos séculos XI a XV, com influências que perduraram até meados ou final do século XVIII. Essa a motivação de invocar o título do grande historiador francês, falecido em 2014, que por todos melhor se exprime:

... A cultura medieval, como a vejo, marca mesmo uma fase da aventura ocidental muito mais longa do que a “Idade Média” dos manuais. Essa cultura exprime um conjunto de valores – um modelo de organização dos valores – que se desfaz entre 1750 e 1859, para acabar ao longo dos anos 1950, com “o fim das províncias”...⁶

IV – Minas Gerais Setecentista

Rosa de Ouro⁷ é roteiro geral para conhecimento da Minas Gerais setecentista. Dos sonhos lusitanos com o prometido ouro de tantas lendas, passando pela dura vida bandeirante, o estabelecimento da mineração, o surgimento de literatura múltipla e





artes plásticas, organização social e desembocando na Inconfidência.

Dos sertões enormes, percorridos a partir da entrada de Francisco Bruza Espinosa e por bandeirantes, às primeiras vilas foram-se décadas, mais de século e meio. Nascida a Capitania de São Paulo e Minas do Ouro (1709) sob o signo da Guerra dos Emboabas (1708/9), a Revolta de Filipe dos Santos (1720) marcou a criação, no mesmo ano, da Capitania de Minas Gerais, que viu surgir, praticamente iniciando do zero civilizatório (nossos indígenas ainda encontravam-se em estágio lítico de cultura; entradas e bandeiras deixaram núcleos, enclaves, em terras cortadas por caminhos, ermos brutos onde as instituições eram os homens), política, economia, artes, música, literatura em cidades como Mariana, Ouro Preto, Sabará, São João del-Rei, Diamantina, Serro, Pitangui, Congonhas e outras criadas a partir de 1711.

Grandes fazendas surgiram no século XVIII, para suporte da urbanização em surgimento. A mão de obra escrava foi utilizada abundantemente, na extração de ouro e pedras, no cultivo da terra e no cuidado com o gado. Uma arquitetura própria ao meio rural desenvolveu-se, com soluções criativas e detalhamento barroco, nas casas como nas capelas, erguidas pela influência da Igreja Católica (não se pode esquecer que o catolicismo era a religião oficial do Estado português):⁸

As fazendas de Minas se caracterizam pelo tamanho e sua adaptação ao clima tropical é demonstrado pelas amplas varandas, pelo número de janelas e pelo tamanho das salas. Encontra-se em todas o pomar, muito grande e variado. O branco e o azul, cores da arquitetura rural portuguesa, predominam na maioria delas.

Um detalhe importante nas fazendas

mineiras antigas, tornando-as distintas das demais, é a presença de Capelas internas ou externas, até mesmo de igrejas – manifestação do espírito religioso transmitido pela catequese e sedimentado no século XVIII na vida social e rural da época da colônia.

Uma elite de nossas terras teve acesso à educação jesuíta, praticamente a única possibilidade de instrução, que poderia encaminhar o estudante à Europa, onde Coimbra era o destino comum; grandes nomes do período fizeram o percurso da educação jesuíta ao bacharelado coimbrão. O domínio do cristianismo era revelado também na urbanização crescente, decorrente do ciclo do ouro, erguendo-se capelas que condicionavam

o próprio povoamento do território em desbravamento.⁹

Nas letras, brotaram nomes como Cláudio Manuel da Costa (natural de Mariana, 1729, falecido em 1789), José de Alvarenga Peixoto (Rio de Janeiro, 1743, Angola, 1792), Manuel Inácio da Silva Alvarenga (Ouro Preto, 1749, Rio de Janeiro, 1814), Tomás Antônio Gonzaga (1744, Porto, Moçambique, 1810), José Basílio da Gama (São José del Rei, atual Tiradentes, 1741, Lisboa, 1795) e Santa Rita Durão (Mariana, 1722, Lisboa, 1784).¹⁰ Nem todos nascidos em território mineiro, mas identificados com este solo, sendo vários condenados pelo crime de inconfidência na Conjuração Mineira.

Na música, sabe-se que a segunda metade do século XVIII conviveu, em Minas Gerais, com orquestras



de músicos profissionais e composições originais. José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita à frente, como maior expressão musical de época. Por pertinente, e com rigor de conhecimento e síntese, calha transcrever Maria Conceição Rezende:¹¹

O movimento artístico surgido na Europa no século XVIII, explodiu também em Minas Gerais com um “momento” de concepção musical, no período denominado “Barroco Mineiro”. É deveras surpreendente esse evento pois a região das minas estava confinada num agitado clima político, dominado pela corte portuguesa, sem imprensa própria, onde só circulavam amplamente a Bíblia e as cartilhas de alfabetização. Não são bem conhecidas as fontes onde os mestres da música aprenderam a harmonia e as regras de composição musical da época.

A representação da música no Barroco Mineiro não é *propriamente* constituída por um estilo de arte barroca mas, *sim*, por uma sensibilidade barroca coletiva que, em música, se fixou em idiomática religiosa. Sendo de inspiração livre e espontânea, de estilo condicionado pela formação social, resultou disto um certo barroquismo, isto é, uma expressão *violenta, sensorial*, bem complexa.

Nas artes plásticas, dispensando apresentações formais, Manuel da Costa Ataíde e Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. O talento e a genialidade dos dois grandes expoentes eternizaram-se em afrescos, pedrasabão, madeira, interiores de igrejas, altares, frontões, como a pintura do teto da nave da Igreja de São Francisco, em Ouro Preto, e os Profetas do Santuário de Bom Jesus do Matosinhos, em Congonhas. A religião católica, motivação sempre presente.

V – Periodização da história mineira no setecentos

A periodização, mais que necessária à História, é um desafio. Se a cultura e a civilização diferem no tempo e no espaço, deveria a periodização ser comum à mera cronologia? Em termos comparativos com a cultura europeia, dominante nas Américas, o que ocorreu aceleradamente em Minas Gerais, entre 1809 e 1889, aproximou-se profundamente do que ocorreu no Velho Continente, no período que Le Goff denominou de Longa Idade Média, culminando com a Revolução Francesa, em 1789. A economia, a política, relações sociais, literatura, música, arquitetura, artes plásticas, tudo marcadamente condicionado pela Igreja Católica.

O medievo europeu explica a maneira pela qual o povo mineiro se organizou e evoluiu no século XVIII. A diferenciação superadora dos valores e modos medievais, no pensar e no agir, na economia e nas artes, na política como na religião, somente aportaram em Minas Gerais algum tempo mais adiante.

1. KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado, tradução Norberto Smilg, Barcelona: Ediciones Paidós, 1993, p. 14. / 2. LE GOFF, Jacques. A História Deve Ser Dividida em Pedacos? Tradução Nícia Adan Bonatti, 1ª edição, São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 33. / 3. KOSELLECK, op. cit., pp. 342/3. / 4. LE GOFF, op. cit., pp 131/2. / 5. Id. Ibid. p. 134. / 6. LE GOFF, Jacques, Uma Longa Idade Média, tradução Marcos de Castro, 4ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 69. / 7. FRANCO, Afonso Arinos de Melo, organização, transcrição e apresentação Afonso Arinos, filho, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2007. / 8. REZENDE, Maria Conceição. A Música na História de Minas Colonial, Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1989, pp. 118/9. / 9. Id. Ibid., p. 137. / 10. Sobre o conjunto de poetas mineiros do século XVIII, veja-se o excelente Carlos Nejar, História da Literatura Brasileira: da carta de Caminha aos contemporâneos, São Paulo: Leya, 2011, pp. 73/90 / 11. Op. cit., p. 471.

***Juiz de Direito; membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais - IHGMG**



GUARDIÕES DE OURO PRETO

Ivanise Junqueira*



O primeiro artigo que escrevi para o “O Inconfidente” foi referente à comemoração dos 50 anos de vida sacerdotal de Cônego Simões e Dom Barroso. Um começo abençoado, falando de pessoas queridas e especiais. Foi um momento de muita emoção.

No mês de novembro, precisamente no dia 18, meu marido foi agraciado com a Medalha do Aleijadinho, com missa e solenidade na Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias. Acompanhando-o, pude assistir a uma celebração emocionante, concelebrada pelo Arcebispo de Mariana, Dom Geraldo Lírio, e outros padres, dentre os quais Cônego Simões e Dom Barroso.

Junto à emoção, chamou-me a atenção a fragilidade da saúde de Cônego Simões. Como já aconteceu com relação a outras pessoas com as quais convivi, ou não, ao longo da minha vida, tive um aperto no coração e senti que era uma despedida.

Ao final da missa e da solenidade, pude cumprimenta-lo e pedi a um fotógrafo presente que registrasse aquele momento. Gostaria de ter uma foto com aqueles dois homens de Deus, que junto aos outros, se uniram em orações e proporcionaram uma missa tão emocionante.



Com seu jeito singular, reservado, quase tímido, ele cedeu ao meu pedido. Disse-lhe da minha satisfação em guardar uma lembrança junto aos dois padres. Quando retornamos de Ouro Preto, eu trouxe, com a alegria dos momentos vividos, uma angústia que me incomodou.

Hoje pela manhã, recebi um telefonema informando da morte de Cônego Simões. Neste Dia de São Sebastião, o badalar dos sinos, posso imaginar, será diferente.

Os fiéis serão chamados, assim como os amigos, e será espalhada aos quatro cantos a notícia da passagem de um guardião de Ouro Preto.

Os sinos comunicam sua mudança para o céu e invocam os anjos. As ruas da cidade serão poucas para revoadas deles, que, com suas asas conduzirão nosso amigo para a morada eterna.

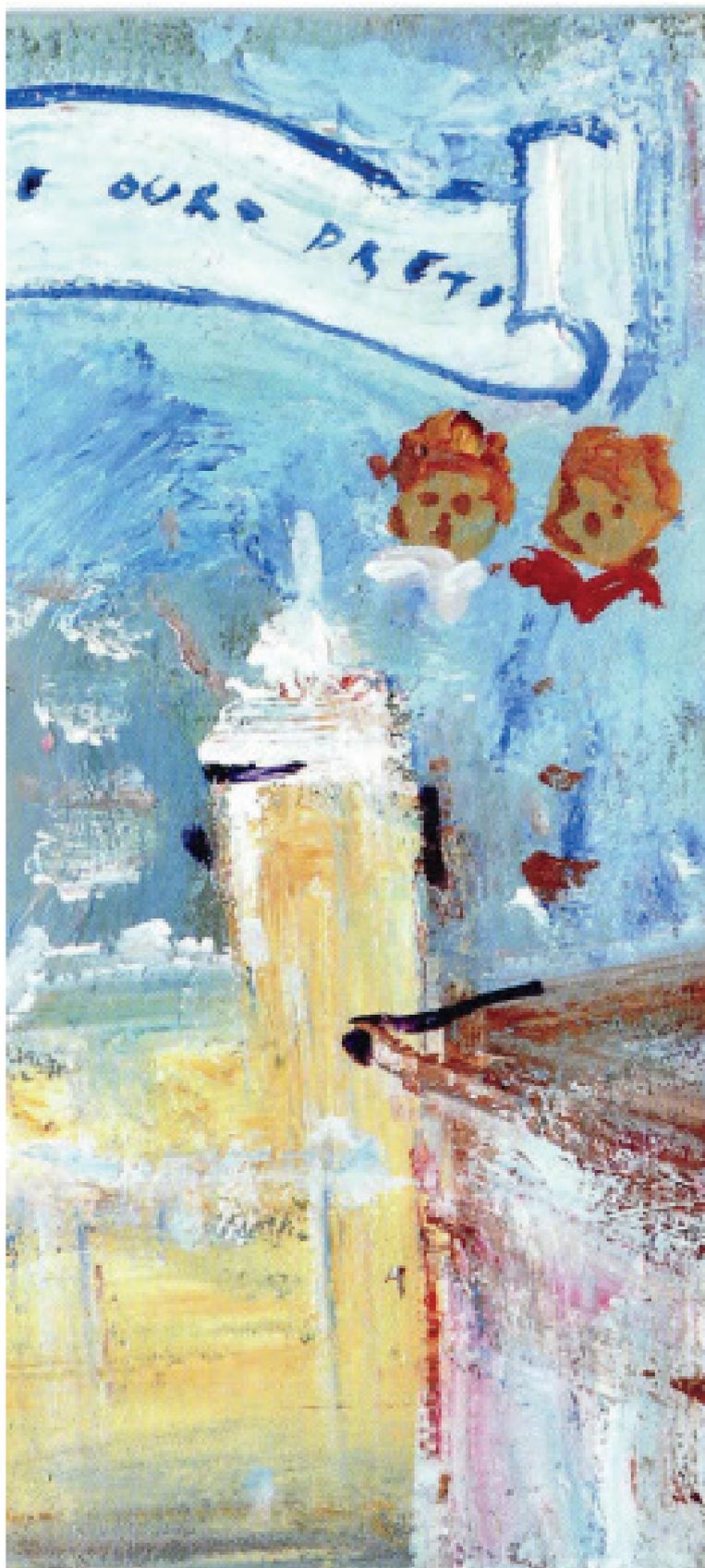
O céu estará em festa. Ficaré entre todos a saudade, a lembrança do tempo em que se fez presente e, sobretudo, o legado que plantou e deixou. A luta pelos valores religiosos, éticos e culturais.

O que perpetua um ser humano é o exemplo de vida: é o que fica gravado na história e no coração das pessoas.

Que as sementes deixadas sejam plantadas sempre! Que o exemplo do bem seja seguido! Que a luta continue! Que o guardião de Ouro Preto possa descansar em paz!

Deixo ao final, as últimas palavras quando dele me despedi:

A sua benção Padre Simões!

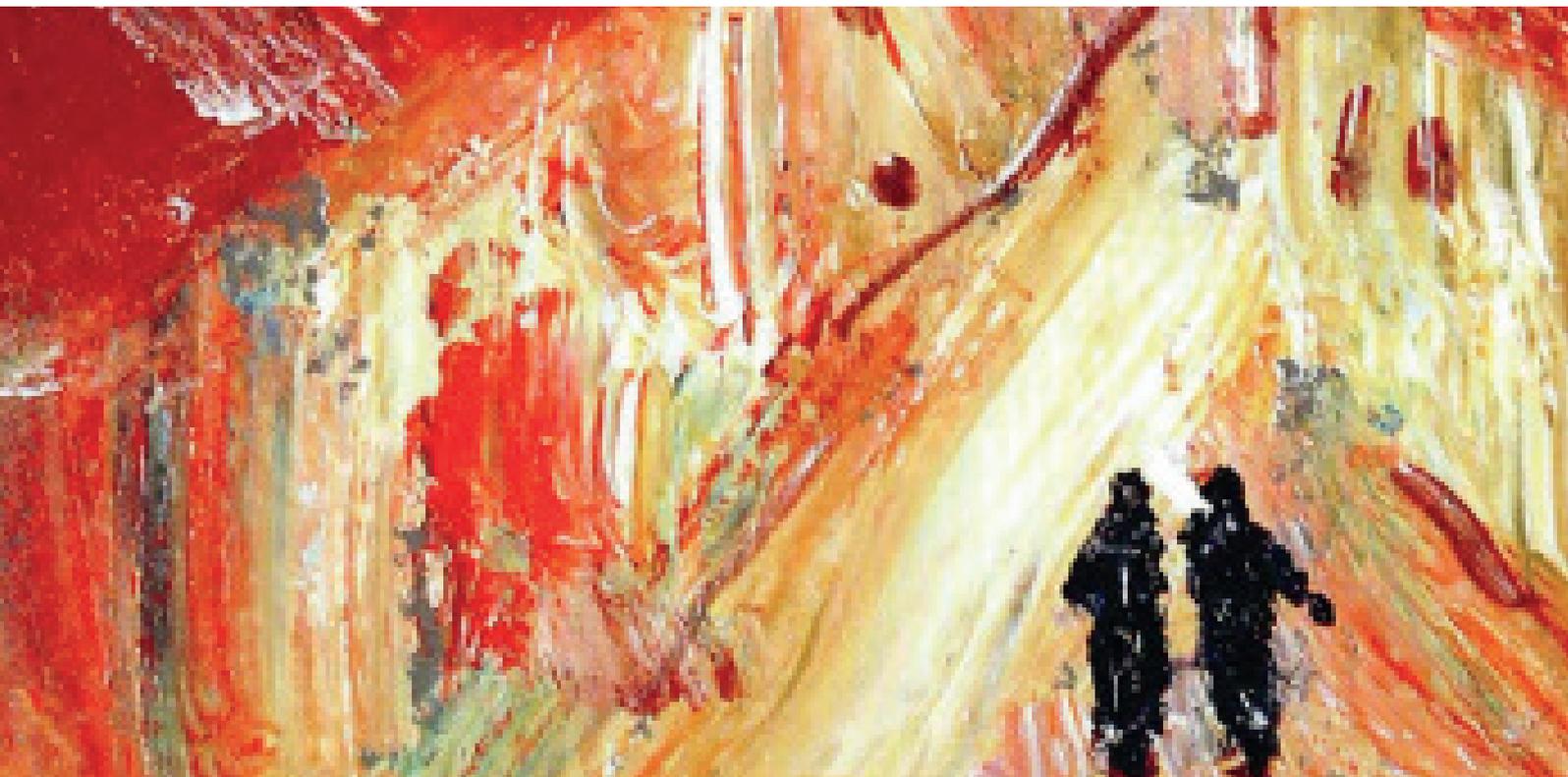




OS SINOS BADALAM!

SAUDEMOS DOM BARROSO E CÔNEGO SIMÕES!

Ao chegar em casa, Eugênio falou-me da missão difícil talvez, mas indescritivelmente emocionante de escrever algumas palavras sobre Dom Barroso e Cônego Simões, em saudação ao cinquentenário sacerdotal de ambos. Ouço sempre comentários que Eugênio faz, alguns que me passam despercebidos, outros me causam curiosidade e, com certeza os que me tocam o coração. E foi o que aconteceu!





Quando cheguei a Ouro Preto, em 1976, recém-casada, tive a grata satisfação de conhecer Dom Barroso e Cônego Simões. Sendo católica, primeiro pelas missas e, trabalhando na Casa dos Contos, pelo envolvimento de ambos com a história e a cultura. Simpatizei-me com os homens de Deus, que celebravam suas missas, mantinham a fé de um povo, abençoando os que chegavam e dando um consolo aos dos que partiam, mas sobretudo não deixavam que a cultura religiosa e nem a arte cultural descessem ladeira abaixo, mas apenas os anjos que numa revoada nas subidas e descidas entoavam cantigas nas procissões de semana santas conduzidas por ambos e que a todos encantavam.

Tornaram-se representantes de Deus, no verdadeiro sentido da palavra. São homens à frente do tempo e do templo que não fizeram da fé apenas um ritual, mas são abençoados ao abençoar e tocam os corações dos fiéis para que suportem seus fardos e tornem mais leves suas almas diante das vicissitudes da vida.

Aprendi que existem homens que são padres e, junto dos anjos, são verdadeiros guardiões do patrimônio, das relíquias, das artes, das obras; que lutam pelos seus ideais, sem trégua, mas com sabedoria.

Ouro Preto é especial em tudo. A história se perpetua a cada novo dia e mantém a tradição de colecionar protetores, que juram vigília eterna à cidade, como no caso de Dom Barroso e Cônego Simões.

O tempo tem o poder divino de não aparentar sua passagem. Cinquenta anos de vida sacerdotal, dois homens que são jovens diante da própria história e falar deles é volver nossos olhos para os Museus Aleijadinho e de Arte Sacra, que a todos fascinam pela obra divina dos dois.

Há tempos estou longe de Ouro Preto, mas seis da presença significativa do Cônego Simões e do retorno de Dom Barroso, aos quais parablenizo.

Que o badalar dos sino seja em louvor, anunciando a bênção de ambos e do povo de Ouro Preto, que tem o privilégio de conviver com tais presenças marcantes.

Assim seja, amém!

***Escritora e Ensaísta**



Galeria de ARTE



www.iarremate.com



Educando com arte

*Projeto integrado de educação patrimonial e educação fundamental,
no Museu das Reduções, para alunos dos 5º e 6º anos.
Informações: (31)3553-5182 / museudasreducoes@gmail.com*

INDIC
INSTITUTO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO E
INTEGRAÇÃO CULTURAL